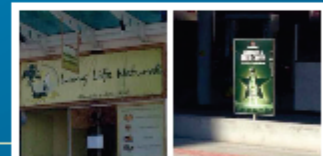


O USO DE ESTRANGEIRISMOS NA PAISAGEM LINGUÍSTICA DE FLORIANÓPOLIS



Marina Jenovencio

**Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC
Departamento de Língua e Literatura Vernáculas - DLLV
Centro de Comunicação e Expressão - CCE**

Florianópolis, 2015



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA – UFSC
DEPARTAMENTO DE LÍNGUA E LITERATURA VERNÁCULAS – DLLV
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO – CCE

MARINA JENOVENCIO

**O USO DE ESTRANGEIRISMOS NA PAISAGEM LINGUÍSTICA DE
FLORIANÓPOLIS**

FLORIANÓPOLIS, 2015

MARINA JENOVENCIO

**O USO DE ESTRANGEIRISMOS NA PAISAGEM LINGUÍSTICA DE
FLORIANÓPOLIS**

Trabalho de Conclusão de Curso - Letras – Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa do Departamento de Língua e Literatura Vernáculas do Centro de Comunicação e Expressão da Universidade Federal de Santa Catarina, apresentado como requisito indispensável à obtenção do grau de bacharel em Letras.

Orientadora: Prof^a. Dr^a Cristine Gorski Severo

FLORIANÓPOLIS, 2015.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
DEPARTAMENTO DE LÍNGUA E LITERATURA VERNÁCULAS



“O uso de estrangeirismos na paisagem linguística de Florianópolis”

Marina Jenovencio

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) foi julgado adequado para obtenção do
título de

BACHAREL EM LETRAS

e aprovado em sua forma final pelo Curso de Letras - Habilitação
Bacharelado em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa
da UFSC.

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Cristine Gorski Severo
Orientadora e Presidente da Banca

Profa. Dra. Carla Valle
Membro Titular

Prof. Alexandre Silveira
Membro Titular

Campus Universitário - Trindade - Florianópolis
Fone: 3721-9293 FAX: 3721-9817

À minha mãe: Porque as
palavras que você repetia
para mim enquanto eu
estava deitada no berço,
quando bebê, foram
ouvidas.

AGRADECIMENTOS

Se fosse somente por mim, talvez eu não estivesse escrevendo agora esses agradecimentos. Mas cada um de vocês se tornou essencial para que eu possa estar aqui: uma história que termina hoje, e outras que começarão amanhã.

Ao meu querido avô **Calinho** (*in memoriam*) que aos meus nove anos de idade perguntou se eu poderia ser sua professora. Em nossas primeiras aulas ele me perguntou: “Por que carroça se escreve com Ç e carrossel com SS?”. Naquele tempo eu não tinha a resposta. E hoje que tenho ele não está mais aqui.

À minha **mãe**, não só por ser minha mãe, mas por ter os abraços mais envolventes e acolhedores do mundo. Por sempre acreditar e ser a maior incentivadora da minha história. Sobretudo por me fazer passar horas nos shoppings e me questionando "por que tanto inglês se nós falamos português?!".

Ao meu **pai** pelo comprometimento com meu futuro, pelo incentivo, pelo amor e pelo porto seguro que ele representa. Principalmente por aceitar e comprar minha nova trajetória.

Ao **Marco** que mesmo em momentos de ausência se fez presente. Por não se cansar de repetir que eu conseguiria. Por ter me dado a mão, o ouvido e o coração sempre que precisei.

À **Bea**, mais que uma companheira durante todos esses anos de faculdade, mais que amiga, mais que confidente, mais que minha dupla. Sem ela tenho certeza que toda essa trajetória teria sido diferente. Afinal, só ela consegue projetar minhas palavras no papel.

Aos meus **professores, amigos, colegas e servidores** por fazerem que esses anos tenham sido de um eterno e constante aprendizado.

À minha orientadora e professora, **Cristine**, por acreditar na minha proposta, pela paciência e o apoio.

A presença de vocês foi imprescindível e muitas vezes os trilhos desse meu caminho. Para sempre o meu obrigada.

Our language has no "fixed words", no full sentences, no pragmatic rules, but it does have the most beautiful melody; it is a true dialogue. It is deep, profound and meaningful. It is a new language we are inventing as we go along in this continuous, infinite journey; we are learning it right now as we go along to new places, new experiences, new feelings, new energies, new sorrows, new pain, new laughter, new emotions, new ideas, new memories, new dreams and even a new future. It is dynamic and energetic, and it takes us to places we have never been before; sometimes it is in death, other times it is in life, but most often in both. It is our world, a free and private world, with no boundaries, a new world that only we understand. We continue to shape it as we ride along, together, in this deepest connection of past, present, future and everything in between.

(Elana SHOHAMY, *Language Policy: Hidden agendas e new approaches*)

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo descrever e analisar os usos comerciais de estrangeirismos, especialmente em relação ao uso da língua inglesa (LI), em um espaço urbano e público, na cidade de Florianópolis, Santa Catarina. O estudo é feito a partir de um levantamento imagético dos estabelecimentos comerciais que fazem uso de estrangeirismos. O trabalho está ancorado em Shohamy (2006) no que diz respeito aos estudos de Paisagem Linguística, em Yves Lacoste [org] (2005) no que concerne à geopolítica do inglês e em Calvet (2007) acerca de políticas linguísticas. As discussões apontam para o uso de estrangeirismos a partir de uma política linguística implícita. Esse lugar de promoção linguística simboliza uma escolha política que visa, também, demarcar lugares identitários através da língua. Os resultados apontam para a língua inglesa operando como a principal língua – no que se refere aos usos de estrangeirismos – no espaço público e urbano da Rua Lauro Linhares, em Florianópolis.

Palavras-chave: Estrangeirismos; Língua Inglesa; Paisagem Linguística; Políticas Linguísticas.

ABSTRACT

This research describes and analyzes the commercial usage of foreign words, especially those in English in an urban and public space in the city of Florianópolis, Santa Catarina, Brazil. The study is based on an imagery survey of commercial signs and is anchored in Shohamy (2006) regarding Linguistic Landscape studies, in Yves Lacoste [org] (2005) concerning the geopolitics of English and Calvet (2007) about language policies. The study indicates the use of foreign words as an implicit language policy. Moreover, the display of languages symbolizes a political choice that also aims to delimit identity through language. The results of the research points out that English has been the main language –with regard to the uses of foreign words– in the public and urban area of Lauro Linhares in Florianópolis.

Key-words: Foreign Words; English Language; Linguistic Landscape; Language Policy.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1. LÍNGUA INGLESA E ESTRANGEIRISMOS	15
1.1. O papel econômico e cultural da língua inglesa no mundo e seus reflexos no brasil	15
1.2. O estrangeirismo	21
2. REFLEXÕES TEÓRICAS	24
2.1. As políticas linguísticas	24
2.2. Paisagem linguística	29
3. ANÁLISE DO CORPUS IMAGÉTICO.....	32
3.1. A análise das placas	32
3.1.1. Quanto às línguas distribuídas no espaço público e urbano	32
3.1.2. Quanto à distinção entre usos sintáticos e usos lexicais.....	35
3.1.3. Quanto aos estabelecimentos.....	36
3.1.4. Quanto à classificação das placas.....	37
3.1.5. Quanto à linguagem nos híbridos	38
3.1.6. Quanto à classificação das placas em língua inglesa.....	40
3.2. As entrevistas	43
3.3. Considerações acerca dos resultados obtidos	44
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	46
5. ANEXOS	47
6. REFERÊNCIAS	49

INTRODUÇÃO

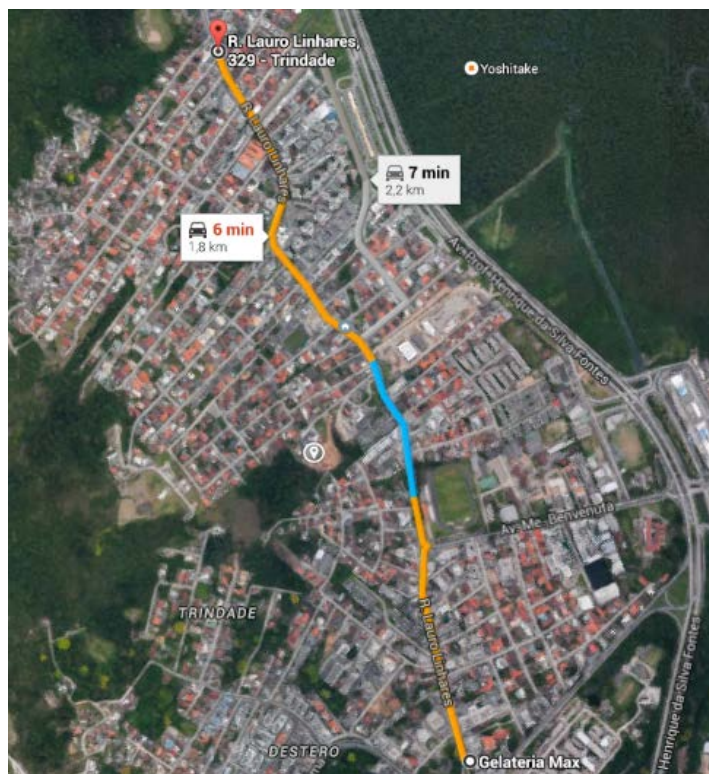
O presente trabalho tem por objetivo analisar os usos comerciais de estrangeirismos, especialmente os usos em língua inglesa (LI) – os chamados anglicismos – em um espaço público e urbano na cidade de Florianópolis, Santa Catarina. O uso desses estrangeirismos será discutido à luz de uma perspectiva de Paisagem Linguística, de modo a perceber como a língua constrói o espaço público e urbano.

Para esse estudo, portanto, fez-se um levantamento imagético das placas comerciais que continham estrangeirismos na Rua Lauro Linhares, do bairro Trindade, em Florianópolis, SC. Esta rua foi escolhida, pois, após uma breve observação inicial sobre as placas que continham estrangeirismo na cidade de Florianópolis, pode-se constatar que a rua apresentava um número considerável de placas para a análise. A Rua Lauro Linhares é uma das ruas responsáveis pelo acesso à Universidade Federal de Santa Catarina, onde diariamente centenas de pessoas circulam, dentre elas, os estudantes, servidores e professores que frequentam a universidade.

O trecho analisado possui a extensão de dois quilômetros em que foram encontradas, pelo menos, quarenta placas que continham estrangeirismos. É importante salientar que a Rua Lauro Linhares não é apenas uma rua comercial, e que, portanto, o número de placas encontradas foi considerado aceitável para a investigação proposta para esse trabalho.

De acordo com a figura 1 pode-se observar a extensão analisada da Rua Lauro Linhares.

Figura 1 Imagem do trecho analisado – Rua Lauro Linhares ¹



A análise da paisagem linguística mostra-se de suma importância, uma vez que a partir dela pode-se entender como se dá a relação entre a política linguística e a prática linguística, sobretudo, porque a paisagem linguística pode ser compreendida como uma forma de política linguística implícita. Isto, segundo Shohamy (2006) caracteriza-se pela política linguística não ser determinada explicitamente apenas, ou seja, por não ser estabelecida através de documentos oficiais, como leis nacionais. Por conseguinte, essas políticas linguísticas não são facilmente identificadas. Assim, como consequência do estudo da paisagem linguística pode-se compreender como se dá de fato os usos econômicos e políticos das línguas na região.

No Brasil, especialmente, o estudo acerca da paisagem linguística é substancial para o reconhecimento do uso de outras línguas, como o inglês, na paisagem urbana. Ainda como salienta Elana Shohamy, “no Brasil, muitas línguas são usadas, mas somente o Português recebe a legitimação de língua nacional, enquanto o valor de "outros idiomas" é denunciado.”. (SHOHAMY, 2006, p. 29, tradução nossa)².

¹ Imagem extraída do *Google Maps*. Disponível em: < <https://www.google.com.br/maps/>>. Acesso, jul. 2015

² No original: "In Brazil, many languages are used by its nationals, but only Portuguese has received legitimacy as the national language, while the value of "the others" is denounced."(SHOHAMY, 2006, p. 29)

Isso posto, é importante salientar que a política linguística, bem como a análise acerca da paisagem linguística, precisa ser observada e entendida a fim de se compreender como a língua constrói o espaço urbano e como ocorre a relação entre a prática linguística e a ideologia, além de se problematizar o impacto gerado pelo uso de estrangeirismos em placas comerciais.

É evidente que, tanto pelo uso de língua estrangeira (doravante LE) na paisagem linguística, como pelo incentivo e promoção do governo ao ensino de outras línguas na educação básica do brasileiro, a LE ocupa um papel substancial na nossa comunidade linguística. Isto pode ser observado tanto pela obrigatoriedade do ensino de uma língua moderna nas escolas públicas, como pelo incentivo de outros programas do Governo Federal, como o programa *Idiomas sem Fronteiras*, desenvolvido para proporcionar o acesso ao programa *Ciência sem Fronteiras*, em que o domínio de uma língua estrangeira é imprescindível.

No que se refere à educação, especificamente ao ensino fundamental, segundo a Lei nº 9.394³, de 20 de dezembro de 1996, “é incluso, obrigatoriamente, a partir da quinta série, o ensino de pelo menos uma língua estrangeira moderna, cuja escolha ficará a cargo da comunidade escolar, dentro das possibilidades da instituição” (Art. 26, § 5º). No que concerne ao ensino médio, a lei relata que “será incluída uma língua estrangeira moderna, como disciplina obrigatória, escolhida pela comunidade escolar, e uma segunda, em caráter optativo, dentro das disponibilidades da instituição” (Art.36, Inciso III).

Ainda, segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) do terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental, no que se refere ao ensino de Língua Estrangeira, tem-se que:

A inclusão de uma área no currículo deve ser determinada, entre outros fatores, pela função que desempenha na sociedade. Em relação a uma língua estrangeira, isso requer uma reflexão sobre o seu uso efetivo pela população. No Brasil, tomando-se como exceção o caso do espanhol, principalmente nos contextos das fronteiras nacionais, e o de algumas línguas nos espaços das comunidades de imigrantes (polonês, alemão, italiano etc.) e de grupos nativos, somente uma pequena parcela da população tem a oportunidade de usar línguas estrangeiras como instrumento de comunicação oral, dentro ou fora do país. Mesmo nos grandes centros, o número de pessoas que utilizam o conhecimento das habilidades orais de uma língua estrangeira em situação de trabalho é relativamente pequeno. (BRASIL, 1998, p. 39).

O que se pode perceber é que, muito embora haja a promoção do ensino de outros idiomas nas escolas, os próprios PCNs salientam que "somente uma parcela da população tem

³ Presidência da República, Casa Civil - Subchefia para Assuntos Jurídicos. Lei Nº 9.394, de dezembro de 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm> Acesso: fev. 2015.

a oportunidade de usar línguas estrangeiras". O que torna esse posicionamento um pouco contraditório, uma vez que há a inserção para promover o aprendizado de outros idiomas, e ao mesmo tempo a afirmação de que apenas uma pequena parte da população – normalmente as que vivem em áreas de fronteira – tem a oportunidade de utilizar e praticar esse conhecimento. Isto é, em que medida o ensino de línguas estrangeiras deixa de ser somente um componente curricular, uma carga horária, e passa a ser efetivamente o incentivo ao aprendizado de outras línguas pela comunidade brasileira?

Verifica-se, entretanto, que há um incentivo por parte do Governo Federal na promoção e disseminação de línguas estrangeiras no país, principalmente do espanhol, pelas relações de fronteiras. Logo, como consequência do incentivo e da propagação de um Brasil multilíngue, normalmente ocasionado pela necessidade de uma comunicação global, pode-se perceber que a inserção de outras línguas na nossa comunidade reflete nas escolhas linguísticas a serem tomadas e, por consequência, na paisagem urbana.

A partir da investigação do material coletado, pode-se perceber que mais de 80% das placas são em língua inglesa. Portanto, para se refletir sobre o papel da língua inglesa nessas placas, considera-se importante o estudo acerca da geopolítica do inglês, e, por conseguinte, da “mundialização” do inglês (principalmente o inglês americano).

Isso porque o inglês é compreendido como a língua franca, e o impacto da globalização em uma sociedade que não possui o inglês como língua oficial, nem como segunda língua, como é o caso brasileiro, deve ser estudado a fim de se compreender como a língua constrói o espaço urbano, bem como as práticas linguísticas adotadas pelo Estado em diálogo com a globalização.

É nítido, por sua vez, que há concorrência do inglês e outras línguas estrangeiras na paisagem urbana, como também nas diversas relações políticas e econômicas, na medida em que a língua é, também um espaço de disputas, visto que seu valor e poder não são medidos apenas pelo número de falantes, mas pela economia, poder político, progresso científico, etc.

Os próprios PCNs, que promovem a divulgação de outras línguas, relatam a importância e o caráter hegemônico da língua inglesa:

Questões como poder e desigualdade são centrais no ensino e aprendizagem de línguas, particularmente no contexto de Língua Estrangeira. Tem sido preocupação frequente de estudiosos da linguagem, notadamente no que se refere à situação de dominação do inglês como segunda língua e mesmo como Língua Estrangeira. A posição do inglês nos campos dos negócios, da cultura popular e das relações acadêmicas internacionais coloca-o como a língua do poder econômico e dos interesses de classes, constituindo-se em possível ameaça para outras línguas e em guardião de posições de prestígio na sociedade. Por outro lado, há a posição dos que olham a cultura como um processo em constante negociação, neste momento realizado em condições político-culturais de

inter-relacionamento global. Isso se torna particularmente importante agora, quando as fronteiras tradicionais do mundo estão se abrindo. Há de se evitar teorias totalizantes de reprodução social e cultural (por exemplo, visões de uma sociedade consumista global veiculadas por uma língua hegemônica como o inglês) para se chegar a um paradigma crítico que reconheça o papel do ser humano na transformação da vida social. Isso fará com que se atente não só para como as vidas das pessoas são reguladas pelo discurso, mas também para como as pessoas resistem a essas visões totalizantes ao produzirem seus próprios discursos. Nesse sentido, a aprendizagem do inglês, tendo em vista o seu papel hegemônico nas trocas internacionais, desde que haja consciência crítica desse fato, pode colaborar na formulação de contra-discursos em relação às desigualdades entre países e entre grupos sociais (homens e mulheres, brancos e negros, falantes de línguas hegemônicas e não hegemônicas etc.). Assim, os indivíduos passam de meros consumidores passivos de cultura e de conhecimento a criadores ativos: o uso de uma Língua Estrangeira é uma forma de agir no mundo para transformá-lo. A ausência dessa consciência crítica no processo de ensino e aprendizagem de inglês, no entanto, influi na manutenção do status quo ao invés de cooperar para sua transformação. (BRASIL, 1998, p. 39).

Constata-se pelos documentos oficiais uma preocupação com o fato de que a língua inglesa está também associada a relações de poder e também de consumismo. Entretanto, não se nega seu valor, muito pelo contrário, reafirma-se a importância do entendimento dessa língua estrangeira e de seu domínio como forma de empoderamento dos sujeitos para agirem criticamente na sociedade. Deduz-se, então, que o uso do inglês não implica necessariamente a adoção de uma cultura norte-americana, embora ambos possam estar simbolicamente vinculados.

Destaca-se, por conseguinte, que as escolhas linguísticas, ou seja, as escolhas pelo estrangeirismo, especialmente pelo uso da língua inglesa, não são neutras e, portanto, compreendem escolhas políticas e ideológicas, atravessadas por relações de poder, demonstrando interesses específicos.

A fim de discutir essas questões aqui mencionadas, este trabalho está organizado em quatro partes. No capítulo I, trata-se, primeiramente, de uma discussão histórica da língua inglesa, assim como uma discussão acerca do seu papel econômico, comercial e cultural hoje no mundo, e o reflexo em Santa Catarina, principalmente em Florianópolis, bem como uma reflexão teórica sobre estrangeirismos. No capítulo II encontram-se as discussões teóricas acerca de Políticas Linguísticas e Paisagem Linguística. O capítulo III será constituído da análise do corpus imagético registrado. O último capítulo será encerrado com as considerações finais. Nos anexos pode ser encontrada uma lista com todas as imagens registradas.

1. LÍNGUA INGLESA E ESTRANGEIRISMOS

Neste capítulo serão discutidas algumas questões relevantes para se questionar a expansão progressiva da língua inglesa no mundo e, principalmente, em Florianópolis.

Ainda são apresentadas algumas questões teóricas à respeito dos estrangeirismos, sobretudo os anglicismos, uma vez que, como será visto nas seções seguintes, a língua inglesa opera como a principal língua no espaço público e urbano na rua Lauro Linhares, no que diz respeito aos usos de estrangeirismos.

1.1.O PAPEL ECONÔMICO E CULTURAL DA LÍNGUA INGLESA NO MUNDO E SEUS REFLEXOS NO BRASIL

A expansão progressiva da Língua Inglesa (doravante LI), como língua franca, faz parte de um fenômeno intrínseco da globalização. Hoje a LI está presente como língua franca em grande parte dos órgãos internacionais como ONU, UNESCO e UE. Segundo o site da ONU⁴ e UNESCO⁵, as línguas oficiais são: Árabe, chinês, inglês, francês, russo e espanhol. Entretanto, as línguas de trabalho são o inglês e o francês. No que diz respeito à União Europeia⁶, existem 24 línguas oficiais (búlgaro, croata, checo, dinamarquês, neerlandês, inglês, estónio, finlandês, francês, alemão, grego, húngaro, irlandês, italiano, letão, lituano, maltês, polaco, português, romeno, eslovaco, esloveno, espanhol e sueco), entretanto, o inglês é a língua franca.

A difusão da língua inglesa ocorreu a partir do final da Segunda Guerra Mundial gerada pela influência política e econômica dos Estados Unidos exercida sobre a Europa, o que marcou, por sua vez, uma nova etapa na consolidação das posições geopolíticas da língua inglesa. Durante os quatro anos de guerra a produção americana dobrou e os países industrializados passaram a aspirar ao modelo americano, o que culminou com a dominação das culturas industriais pelos Estados Unidos.

⁴ United Nations - Official Languages. Disponível em: <<http://www.un.org/en/sections/about-un/official-languages/index.html>>. Acesso: fev. 2015.

⁵ United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization - Languages. Disponível em: <<http://www.unesco.org/new/en/name-and-logo/graphics/languages/>>. Acesso: fev. 2015.

⁶ European Commission – Languages. Disponível em: <http://ec.europa.eu/languages/policy/linguistic-diversity/official-languages-eu_en.htm>. Acesso: fev.2015.

Steiner (*apud* GRADDOL, 1997, p.8)⁷ elabora uma lista sobre a influência do domínio internacional do inglês no final do século XX sobre os setores econômicos, políticos, culturais e tecnológicos:

1. Língua de trabalho de conferências e organizações internacionais.
2. Publicação científica
3. *International banking*, assuntos internacionais e comércio
4. Cultura de produtos audiovisual (ex.: filme, TV, música popular)
5. Turismo internacional
6. Ensino superior
7. Segurança internacional
8. Direito internacional
9. Como língua de apoio para interpretação e tradução
10. Transferência de tecnologia
11. Comunicação via internet.

O que se observa, por sua vez, é que o desenvolvimento gerado nos setores de áreas tecnológicas e científicas, concebido no período pós-guerra, também é responsável pela disseminação da língua inglesa. É em decorrência desse avanço que o inglês se torna a língua do progresso, da inovação, da pesquisa científica e da cultura de massas, imperando sobre os setores tanto de pesquisa, tecnologia, quanto de comunicação.

A disseminação e a presença da língua inglesa também estão diretamente ligadas à distribuição de bens culturais americanos associados ao cinema e à enorme produção musical (LACOSTE, 2005). Logo, é após a dominação em diversos setores da esfera humana que a LI passa a ser reconhecida como língua de prestígio, como um degrau de ascensão e distinção social. É importante salientar que esse fenômeno não está restrito aos países exclusivamente anglófonos, mas, sobretudo, engloba países periféricos, como o Brasil, que possui somente uma língua oficial, o português.

O que se observa, por conseguinte, é que a língua inglesa já está inserida em diversos contextos, e que, principalmente por ser considerada a língua do avanço e da tecnologia, torna-se uma língua coercitiva para as comunicações comerciais. Compreende-se, contudo, que cerca de

(...)1/4 da população mundial – já possui algum grau de conhecimento da língua inglesa e; ou se encontra na situação de lidar com ela no seu dia-a-dia. Acrescente-se a isso o fato ainda mais

⁷ No original: “1. Working language of international organisations and conferences; 2. Scientific publication; 3. International banking, economic affairs and trad; 4. Advertising for global brands; 5. Audio-visual cultural products (e.g. film, TV, popular music); 6. International tourism; 7. Tertiary education; 8. International safety (e.g. 'airspeak', 'seaspeak'); 9. International law; 10. As a 'relay language' in interpretation and translation; 11. Technology transfer; 12. Internet communication.” (GRADDOL, 1997, p. 8)

impressionante de que algo em torno de 80% a 90% da divulgação do conhecimento científico ocorra em inglês (RAJAGOPALAN, *in* LACOSTE, 2005 p. 149).

A língua inglesa se faz presente em quase todo o mundo e está, sobretudo, concentrada na Europa e na América do Norte. O que se percebe, por sua vez, é que países como o Brasil mostram-se adeptos ao uso da língua, tanto por ser considerada “língua de ascensão, de prestígio, ou língua da moda, fenômeno que se passa também em todos os países que não são oficialmente anglófonos” (LACOSTE, 2005, p.8), como pela oferta ao estudo da língua nas escolas como componente curricular.

Apesar da oferta ao estudo da LI nas escolas, e pela disseminação dos anglicismos na paisagem linguística, como mostra este trabalho, o Brasil encontra-se em nível de baixa proficiência na língua.

É importante destacar que, proficiência em uma LE é definida pelo conhecimento da língua e a aptidão de colocá-la em uso em diferentes contextos. E que, portanto, os testes usados para “medir” esse conhecimento podem também ser compreendidos como uma forma de política linguística, visto que visam buscar uma padronização da língua, de modo que outras formas linguísticas sejam descartadas, entendidas como “incorretas”, não padrão ou normativa.

Segundo o EF⁸, o índice de Proficiência em Inglês (EF EPI), – importante referência internacional no que se refere à proficiência de adultos – o Brasil encontra-se em nível de baixa proficiência na língua inglesa, ocupando o 38º lugar na posição mundial. Conforme o EF EPI⁹, a metodologia usada para obter esse índice é calculada através da competência do adulto médio daquele país nas suas habilidades no idioma inglês, usando dados de dois testes diferentes da EF para tal. Um destes testes é aberto, gratuito e realizado pela internet. O segundo é um teste online inicial de nivelamento, usado no processo de inscrição pela instituição. Ambos incluem as áreas de gramática, vocabulário, leitura e compreensão auditiva. Com relação ao cálculo do EF EPI de um país, o resultado de cada teste foi sistematizado para obter o percentual correto de respostas de acordo com o número total de questões. Os resultados foram então submetidos à média dos dois testes, dando igual peso a ambos.

De acordo com o quadro abaixo, pode-se observar a colocação no Brasil.

⁸ EF Education First é uma empresa de educação internacional especializada em treinamento de idiomas.

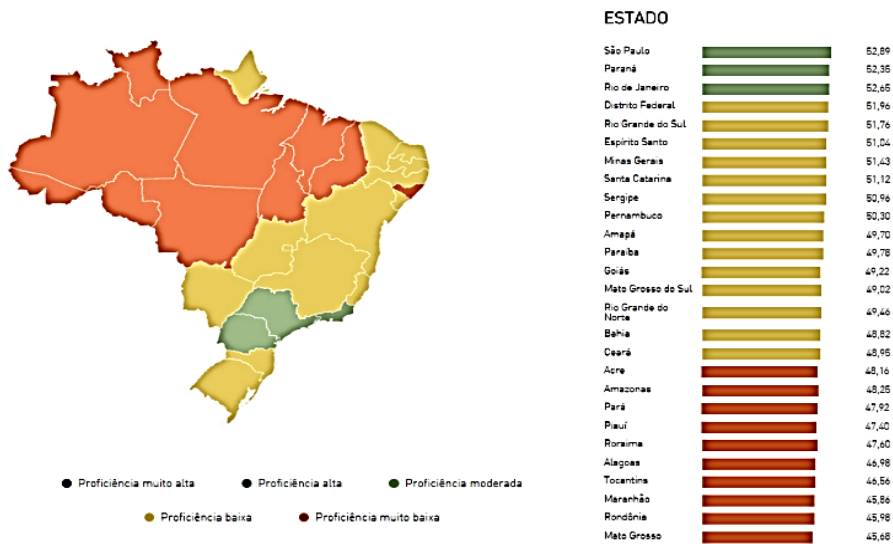
⁹ EF EPI - Índice de Proficiência em inglês da EF. Informações disponíveis em: <<http://www.ef.com.br/epi/about-epi/>> Acesso: fev. 2015.

Figura 2 Índice de proficiência em LI no mundo¹⁰



O site ainda disponibiliza o índice de proficiência por regiões brasileiras. Santa Catarina e, portanto, Florianópolis, que é utilizada como referência para esse trabalho, mostra um baixo índice de proficiência em língua inglesa conforme mostra a figura abaixo.

Figura 3 Índice de proficiência em LI por região brasileira¹¹



¹⁰ EF EPI - Índice de Proficiência em inglês da EF. Disponível em: <<http://www.ef.com.br/epi/>> Acesso: nov. 2014.

¹¹ EF EPI - Índice de Proficiência em inglês da EF. Disponível em: <<http://www.ef.com.br/epi/>> Acesso: nov. 2014.

De acordo com esses testes, pode-se ter uma visão geral do nível de proficiência em que se encontra o brasileiro. Entretanto, é importante salientar que este teste dispensa o uso de qualquer outra variedade da língua inglesa, trabalhando apenas com o “*Standard English*”.¹² Por outro lado, cabe relativizar os dados desses testes, uma vez que não é clara a metodologia empregada pelas instituições envolvidas. Além disso, os testes de proficiência operam como instrumentos de poder que legitimam certas concepções de língua em detrimento de outras.

Ainda como questiona Graddol (1997), como é possível saber o número exato de pessoas estudando inglês? Como é possível chegar a um acordo sobre o método para avaliar a proficiência de milhares de alunos distintos? Como padronizar o método de utilização da língua inglesa, sendo que esta varia em diferentes contextos? Estas perguntas devem ser levadas em consideração ao observar os resultados estatísticos. Não é o objetivo problematizar o conceito de proficiência, mas, tão somente, usar esses dados de forma ilustrativa, para se discutir a presença da LI no cenário urbano florianopolitano.

O que se percebe é que embora Santa Catarina tenha um baixo índice de proficiência na língua inglesa, o impacto da globalização e da mundialização da língua se faz presente na paisagem urbana da Florianópolis, uma vez que a língua está inserida em inúmeros billboards/outdoors aos arredores da cidade.

A disseminação da língua inglesa não encontra barreiras na distribuição urbana. Muito embora o Brasil tenha um baixo índice de proficiência, isso não se torna motivo para a língua inglesa, língua da cultura, tecnologia e prestígio, ser encontrada aos arredores das áreas urbanas brasileiras.

Para países anglófonos, sejam eles em que a LI é a língua materna, segunda língua ou língua oficial, a presença da LI na paisagem urbana é um fenômeno político explicado pelas leis e regimentos do país. Entretanto, para países que possuem o inglês como língua estrangeira, trata-se de um fenômeno que se explica pelas estreitas relações de fronteiras, fenômeno intrínseco à globalização, e também pela

(...)perenidade da influência colonial e mais frequentemente ainda pelo peso político do mundo da língua inglesa e por seu sucesso insolente em todos os âmbitos da vida científica, econômica e industrial, que a torna atraente, qualquer que seja o peso das tradições com as quais ela se enfrente. (LE BRETON, Jean-Marie *in* LACOSTE, 2005, p. 17).

Ademais, ressalta-se a variedade de LI mais frequentemente utilizada é derivado do inglês americano, carregado dos seus valores simbólicos, uma vez que a presença de produtos

¹² *Standard English* refere-se a qualquer forma da língua inglesa aceita como língua nacional em países de LI.

culturais americanos é forte no cenário brasileiro comercial e de entretenimento. E, muito embora o Brasil possua um baixo nível de proficiência, isso não se torna motivo para não haver um consumismo de “tudo aquilo que é americano”, até mesmo a língua.

1.2. O ESTRANGEIRISMO

O estrangeirismo se refere ao uso de palavras, em uma comunidade, derivadas de outras línguas. No que concerne ao português-brasileiro, corresponderia ao uso de palavras ou expressões estrangeiras ao português. Este fenômeno é comum entre comunidades linguísticas e é também chamado de empréstimos.

No que se refere à paisagem linguística¹³ e ao uso dos estrangeirismos na modalidade escrita, deve ser levado em consideração o que Makoni e Meinhof (2006) discutem acerca do problema de determinar uma língua a partir da escrita quando compreendida como unidades distintas. Segundo os autores:

Determinar uma língua à qual um enunciado pertence não é um problema típico de línguas menos conhecidas. É um problema experimentado também por línguas “mais importantes”, tais como o inglês. Por exemplo, quando o seriado de quinze capítulos sobre a história do inglês foi exibido pela TV, muitos dos dialetos foram legendados por que não eram mutualmente inteligíveis. Pessoas que falam o que os linguistas chamam de pidgins insistem em dizer que falam inglês. Então esses enunciados estão em inglês ou em pidgin? O problema de determinar a língua de um texto não se restringe à fala, mas diz respeito também a escrita. Talvez o problema seja a pressuposição de que todos os enunciados estejam necessariamente em “uma língua”. (MAKONI; MEINHOF, 2006 *in* FABRÍCIO et al, 2006, p. 203).

Isto é, as línguas mudam o tempo todo e reconhecê-las torna-se um processo complexo quando concebidas como unidades distintas. Isso porque as línguas são construções sociais resultantes de intervenções sociais e históricas, e não objetos estáveis. Dessa forma, as línguas estão em constantes transformações. O processo de empréstimos ou o uso de estrangeirismos são, portanto, processos intrínsecos à linguagem. A incorporação de estrangeirismo não é um processo recente, decorrente apenas do processo de globalização. No caso do português-brasileiro, esse processo já ocorreu (e ocorre) há muitos séculos como, por exemplo, a incorporação de palavras de origem africanas e árabes à língua.

É importante salientar, sobretudo, que hoje os estrangeirismos podem ser facilmente identificáveis pelo fato de que todo o processo de incorporação à língua não foi cumprido, como, por exemplo, a padronização da escrita. Isto é, as palavras estrangeiras que são adquiridas pela nossa comunidade linguística passam por um processo de padronização, seja escrito ou oral, para se adequar aos padrões da língua portuguesa brasileira.

¹³ Paisagem linguística “refere-se à linguagem que objetos marcam na esfera pública” (SHOHAMY, 2006, p. 112). Mais conceitos e exemplos de paisagem linguísticas encontram-se na próxima seção do trabalho.

Costuma-se, portanto, pensar que o processo de incorporação de estrangeirismos ao português seja um processo recente, visto que muitos empréstimos ainda não foram padronizados de acordo com o português brasileiro. Entretanto, como já mencionado, não se trata de um processo recente. Um dos exemplos que pode ser citado a respeito desse equívoco, é o caso da criação – pelo Deputado Federal do PSDB Aldo Rebelo – do projeto de lei 1676/1999¹⁴ sobre “a promoção, a proteção, a defesa da língua portuguesa”. A ação do deputado demonstra um desconhecimento acerca da incorporação dos estrangeirismos, porque não se trata de um fenômeno que vem ocorrendo apenas nas últimas décadas decorrente do processo de globalização. Atitudes como estas estão pautadas na ideia de falta de pureza linguística atribuída aos estrangeirismos. Como citam Garcez e Zilles,

(...) o caráter de estrangeirismo nos mostra que nem sempre é claro o status de um elemento emprestado. Status, por exemplo, é um termo latino e, portanto...? seria português, pois, afinal, o português veio do latim? ou seria estrangeirismo, já que se trata de um termo erudito, tomado emprestado do latim depois que o português já era português?(GARCEZ; ZILLES *in* FARACO, 2001, p. 18).

De acordo com os novos segmentos e leis econômicas vigentes e tendo em vista todo o processo de globalização, compreende-se que o inglês se torna uma fonte recorrente de empréstimo – suscetível à ilegitimidade, uma vez que o inglês não é usado na comunidade linguística brasileira – recorrente tanto no português-brasileiro, como em quaisquer outras comunidades linguísticas. Nesse novo mundo globalizado, nota-se uma "tendência da maioria dos Estados-nação a se verem como parte global, mundial, assuntos internacionais e mercados mundiais"¹⁵ (Shohamy, 2006, p.37, tradução nossa), sendo que o inglês se encontra no cerne da globalização, tendo caráter de língua franca.

Os empréstimos são carregados de valores simbólicos, e, por conseguinte, representam as intenções dos falantes, bem como carregam significados ideológicos. Um exemplo que pode ser citado, como salienta Pedro M. Garcez e Ana Maria S. Zilles em seu artigo “Estrangeirismos, desejos e ameaças”, é a representação de que certos

(...) falantes da língua inglesa associam a eles e, por extensão, à língua inglesa, valores que vão desde dinamismo progressista, **consumo**, modalidade, **avanço tecnológico e poder vigoroso**, valores os quais querem se associar, até conservadorismo retrógrado, grosseria, artificialidade,

¹⁴ Parecer do relator deputado federal Aldo Rebelo (PCdoB-SP) ao projeto de Lei nº 1876/99 e apensados. Disponível em: <<http://www.camara.gov.br/sileg/integras/777725.pdf>> Acesso: Fev. 2015

¹⁵ No original: “Globalization refers to the trend of most nation-state to view themselves as part of the global world, international affairs and world markets.” (SHOHAMY, 2006, p. 37)

insensível e valor nocivo, valores que desejam combate. (GARCEZ; ZILLES, *in* FARACO, 2001, p. 15, grifo nosso).

Diante disso, observa-se que os empréstimos não são arbitrários, uma vez que são repletos de valores simbólicos. No que se refere à língua inglesa, podem-se fazer associações semióticas, já que existem vários valores simbólicos agregados, como os econômicos e sociais. Como sabemos, em nossa sociedade brasileira, é

(...) imensa a disparidade na capacidade de consumo dos cidadãos e a qual a classe social consumidora sofre grande insegurança social e se mira em modelo surpreendente que o anglicismo se preste para marcar a diferenciação competitiva entre quem dispõe desse capital simbólico e a massa não consumidora. (GARCEZ; ZILLES, *in* FARACO, 2001, p. 23).

Esses empréstimos, sobretudo no caso de inglês, carregam símbolos semióticos – normalmente de valorização – que expressam, por sua vez, a intenção de cada falante, ou da comunidade linguística, ao usá-lo. Logo, a legitimação desses empréstimos estrangeiros passa pelo consenso de toda a comunidade. Apesar de não haver garantia de que eles se manterão vivos na comunidade.

Há, sobretudo, duas hipóteses acerca desse processo de legitimação de uma LE: a de que eles possam ser incorporados à língua ou, então, que cairão em desuso, como é o caso das gírias que permanecem na sociedade (ou na comunidade linguística) por pouco tempo (GARCEZ; ZILLE, *in* FARACO, 2001).

O que se observa é que para entendermos a paisagem linguística de Florianópolis e o uso dos estrangeirismos é importante reconhecer tais usos como um processo intrínseco das comunidades linguísticas que atribui prestígio social e econômico atrelado à língua. É relevante pensar, sobretudo, no que diz respeito ao português-brasileiro, em que o uso dos empréstimos, principalmente os de LI, demarca tanto um processo de exclusão social, como de filiação simbólica a uma dada ideologia.

2. REFLEXÕES TEÓRICAS

Presente nos discursos sociolinguísticos, especialmente nos âmbitos de políticas linguísticas e planejamento linguístico, a noção de paisagem linguística é utilizada para descrever e analisar o material linguístico presente nas placas que se encontram no espaço público e urbano, visando entender e compreender o comportamento linguístico, político e social em um determinado território. A paisagem linguística é vista como um importante fator sociolinguístico visto que contribui com o estudo acerca da visibilidade, manutenção e competição etnolinguística, refletindo a relação entre prática e ideologia, salientado como a língua constrói o espaço público e urbano.

Neste capítulo serão discutidos alguns aspectos teóricos acerca da paisagem linguística e do contexto sociolinguístico, e, portanto, acerca de políticas linguísticas, uma vez que as placas (que compõe paisagem linguística) são símbolos que revelam o poder econômico, político, linguístico, social e cultural de uma determinada sociedade.

2.1. AS POLÍTICAS LINGUÍSTICAS

Os estudos de Políticas Linguísticas (PL) dizem respeito às questões de língua e poder e sua relação e correlações com o meio social. A política linguística é um dos principais meios de gestão, organização e manipulação do comportamento linguístico, posto que é através das PLs que decisões são tomadas acerca das línguas e sua utilização em sociedade. Observa-se, nesse contexto, que a linguagem se torna uma ferramenta de imposição, manipulação utilizada por políticos e ideólogos, muitas vezes apoiados por linguistas.

Segundo Calvet (2007), a política linguística ocorre a partir do binômio *política linguística e planejamento linguístico*. Conforme o autor, política linguística é definida pela "determinação das grandes decisões referentes as relações entre língua e sociedade", e o planejamento linguístico refere-se à "implementação dessas decisões" (CALVET, 2007, p.11). Já, segundo Shohamy (2006), o planejamento linguístico refere-se ao controle, enquanto a política linguística tende a ser menos intervencionista e volta-se mais para os princípios que dizem respeito ao uso da língua.

Observa-se, nesse sentido, que a política linguística se volta para uma prática de caráter estatal-legislativo, como por exemplo a hierarquização formal das línguas e a

oficialização das línguas, enquanto planejamento linguístico ocupa-se a implementação das decisões sobre a língua através de estratégias políticas (COOPER, 1989 *apud* SEVERO, 2013).

A relação entre o binômio planejamento e política linguística é de subordinação. Segundo Fishman (*apud* CALVET, 2007), o planejamento é a aplicação de uma política linguística. Contudo, é importante especificar que o valor que esse binômio tem para alguns pesquisadores, uma vez que há entre alguns pesquisadores a tendência de acentuar os aspectos técnicos de intervenção, enquanto outros estão mais atentos às questões de poder.

De acordo com essas duas tendências de valoração do planejamento linguístico, Kloss (*apud* CALVET, 2007) instaurou dois tipos de planejamentos: *planejamento de status* e *planejamento de corpus*. Segundo o autor, o planejamento de corpus visa intervenções nas funções da língua, enquanto o planejamento de status visa intervenções no caráter social e a relação com as outras línguas. Shohamy (2006) acrescenta ainda que o *status* de uma língua pode ser determinado através de leis e regulamentos que determinam que certas línguas sejam usadas em determinadas situações, nomeando-a como oficial, por exemplo. Já o *corpus* estabelece as formas aprovadas de uma língua, tais como a dicionarização de certos termos, regras gramaticais ou um novo léxico. Deste modo, o planejamento de corpus visa alterar ou modificar uma dada língua.

O que se nota, por conseguinte, é que no campo de política linguística há, sobretudo, política, e que as intervenções são atravessadas por relações de poder. E como salienta Bonacina-Pugh, a "política e o planejamento são processos ideológicos que contribuem para a manutenção de relações de poder desiguais entre grupos linguísticos majoritários e minoritários" (BONACINA-PUCH, 2012 *apud* SEVERO, 2013, p. 456). Isso posto, observa-se que a política linguística interfere de diferentes formas no mundo social. Em uma entrevista realizada com Kanavillil Rajagopalan¹⁶, o autor salienta o modo como a aplicação de uma política linguística, como, por exemplo, a obrigatoriedade do ensino de línguas estrangeiras nas escolas, pode interferir na vida social, uma vez que uma criança vinda do campo talvez não tenha a necessidade do contato com uma língua estrangeira.

A língua é um fenômeno social, e, portanto, a relação entre língua e sociedade é substancial. O que define o status ou a eficácia – ou seja, se produz o efeito desejado e a comunicação é efetiva – de uma língua é a cumprimento das necessidades sociais. Por sua vez, a língua é um conceito político,

¹⁶ Entrevista com Kanavillil Rajagopalan: Ponderações sobre linguística aplicada, política linguística e ensino-aprendizagem. Disponível em: <http://www.alab.org.br/pt/destaque/155-entrevista-com-kanavillil-rajagopalan-ponderacoes-sobre-linguistica-aplicada-politica-linguistica-e-ensino-aprendizagem>. Acesso: Jun. 2015.

(...) uma vez que os processos de designação e de circulação das línguas instauram e conservam hierarquias, refletem/constroem desigualdades linguísticas e sociais, aproximam ou distanciam grupos, favorecendo certas comunidades linguísticas em detrimento de outras, instauram práticas legitimadoras de certas línguas e de apagamento de outras e etc. (SEVERO, 2013, p. 457).

Legitimar uma língua (o que acarreta a exclusão de outra(s) língua(s)) interfere no mundo social de formas variadas. Portanto, é importante compreender a linguagem e a reprodução do poder através da dinâmica política de circulação das línguas no espaço público.

A partir do momento que se faz uso de outra língua, que não o português – como está sendo destacado nesse trabalho, na paisagem linguística – compreende-se que essas escolhas não são neutras, e sim políticas. A manutenção de uma política linguística, como a dos estrangeirismos, “possibilita a compreensão da maneira pela qual os significados sociais vinculados às escolhas linguísticas são construídos e reforçados localmente, atuando, por exemplo, na construção e manutenção de certas identidades” (SEVERO, 2013 p. 469). Além disso, como salienta Haugen (*apud* CALVET, 2007, p. 23) “a língua não serve apenas para transmitir informações, ela também diz coisas sobre o falante, sobre o grupo.”

A linguagem é usada como uma unidade simbólica que representa lealdade, legitimidade, patriotismo, destacando interesses de cada grupo específico que compartilham determinados valores. Portanto, "o uso de certas linguagens, em maneiras específicas, com sotaques específicos, torna-se uma marca de um grupo, categorização, lealdade e aceitação" (SHOHAMY, 2006, p. xvii, tradução nossa)¹⁷, salientando que a inclusão de uma língua resulta da exclusão de outra(s).

Os falantes, no entanto, usam a língua de acordo com o que melhor lhes convier. Como cita Shohamy (2006), algumas das opções do uso de certa língua são feitas pelo próprio falante, e em diferentes contextos o uso é feito a partir de influências do ambiente (como por exemplo a escolha do uso da língua inglesa, uma vez que as barreiras linguísticas estão mais fluidas). A escolha pelo uso de estrangeirismos é uma escolha simbólica que representa os valores que são compartilhados por esse grupo. O uso de palavras de língua inglesa está normalmente associado à economia global, e também é associada à “mobilidade social dentro e através das fronteiras nacionais” (KUMARAVADIVELU 2006 *apud* FABRÍCIO et al, 2006, p. 135).

Entretanto, é importante salientar que o uso do inglês, por exemplo, possui diferentes valores identitários dependendo do ambiente linguístico. Segundo Shohamy,

¹⁷ No original: “[...] the use of certain languages, in specific maners, with specific accents, becomes a marker of group membership, categorization, loyalty, rejection and acceptance.” (SHOHAMY, 2006, xvii)

(...) a língua inglesa parece ter inúmeros símbolos e significados diferentes para diferentes pessoas. Para aqueles que vivem em países de língua inglesa, a língua pode ser considerada como um símbolo nacionalista, mas em outro lugar, para aqueles que falam inglês, geralmente como língua adicional ou como um híbrido, o inglês pode ter significados muito diferentes, talvez como linguagem natural, como reivindicado por Brutt-Griffler (2000), do inglês como uma língua mundial, como símbolo de uma língua imperialista ou com um fenômeno descrito por Swaan (2004), em relação à "grande" língua engolindo as "menores" (SHOHAMY, 2006, p. 42, tradução nossa).¹⁸

Verifica-se, contudo, que a língua inglesa é carregada de valores simbólicos que podem variar de falantes para falantes. Logo, percebe-se que nenhuma escolha linguística é neutra e isenta das relações de poder e é carregada de valores identitários. A linguagem, portanto, é um campo de disputas e dominação. Por conseguinte, a política linguística funciona como um mecanismo de manipulação e organização no meio social.

É através da política linguística e de um planejamento linguístico que leis e regulamentações serão feitas. Todavia, é importante destacar que a política linguística precisa ser analisada e entendida, de modo a compreender como a língua constrói o espaço urbano e como ocorre a relação entre a prática e a ideologia. Isso porque a política linguística como uma entidade política e social não deve ser apenas observada através de leis e regulamentações linguísticas, mas, sobretudo, a partir de outros mecanismos de linguagem que são usados para perpetuar essas práticas de linguagem de forma implícita. Um dos exemplos desses mecanismos é a paisagem linguística, como salienta esse trabalho.

Sobre a paisagem linguística, é possível considerá-la a partir de dois tipos de políticas linguísticas: explícita e implícita (*explicit-implicit/overt-covert*). De acordo com Shohamy (2006, p. 50, tradução nossa, grifo nosso):

Em alguns contextos, a política linguística é afirmada *explicitamente*, através de documentos oficiais tais como as leis nacionais, declaração de determinadas línguas como "oficial" ou "nacional", a standardização das línguas, currículos, teste, e outros tipos de documentos. Em outros contextos, a política linguística não é afirmada explicitamente, mas origina-se *implicitamente* através de uma análise de uma variedade de práticas de facto. Nestas situações, **a política linguística é mais difícil de ser identificada, pois é mais sutil e oculta aos olhos do público.**¹⁹

¹⁸ " No original: "[...] the English language seems to have a number of symbols and different meanings for different people. For those living in English-speaking countries, the English language may have a nationalist symbolism, yet for those elsewhere who speak English, generally as an additional language or as a hybrid, English may have very different meanings, perhaps as a natural language, as claimed by Brutt-Griffler (2000), of English as a world language, as a symbol of a imperialist language or as a phenomenon described by Swaan, regarding the "big" language swallowing the "small" ones." (SHOHAMY, 2006, p. 42)

¹⁹ No original: "In some contexts, language policy is stated explicitly through official documents, such as national laws, declaration of certain languages as "official" or "national", language standards, curricula, tests, and other types of documents. In other contexts, language policy is not stated explicitly, but can be derived implicitly from examining a variety of the facto practices. In these situations language policy is more difficult to detect as it is subtle and more hidden from the public eye." (SHOHAMY, 2006, p. 50)

A partir do estudo da paisagem linguística pode-se observar as variedades em prática e, portanto, as políticas linguísticas implícitas. No caso brasileiro, o português é a única língua que recebe a legitimação e status de oficial e nacional. Entretanto, a partir do estudo da paisagem linguística, pode-se perceber que há variedades em concorrência com o português, no contexto urbano, embora elas não sejam regulamentadas na forma de uma política linguística explícita, mas sim, implícita.

A partir das placas disponíveis na paisagem pública e urbana de Florianópolis, marcada pelo uso de estrangeirismos, pode-se perceber uma política linguística implícita, em que esse lugar de promoção linguística simboliza uma escolha política que visa, concomitantemente, marcar valores simbólicos através da língua.

2.2. PAISAGEM LINGUÍSTICA

Como uma forma de política linguística, muitas vezes implícita, a paisagem linguística é caracterizada pela disponibilidade e presença da (s) língua (s) em um espaço público. A paisagem linguística é um importante fator sociolinguístico que expõe uma competição de grupos etnolinguísticos no meio social.

De acordo com Shohamy, a definição de paisagem linguística pode ser compreendida

(...) como um domínio dentro da linguagem no espaço público; refere-se à linguagem específica que objetos marcam na esfera pública. Exemplos de paisagem linguística são placas de trânsito, nomes de lugar, ruas, nomes de edifício, locais e instituições, painéis publicitários (outdoors), cartões comerciais de visita, bem como rótulos, instruções e formulários públicos, nomes de lojas e placas públicas (SHOHAMY, 2006, p. 112, tradução nossa).²⁰

Dialogando com outros autores, a definição de paisagem linguística pode ser vista como:

(...) a língua de sinais públicos rodoviários, painéis publicitários (billboards), nomes de ruas, nomes de lugares, placas de lojas comerciais, placas públicas em edifícios do governo que combinam para formar a paisagem linguística de um dado território, região ou aglomeração urbana. (LANDRY & BOURHIS, 1997, p. 25, tradução nossa)²¹

E também,

(...) a principal preocupação da paisagem linguística é capturar o papel que a mistura de linguagem desempenha em revelar as relações de poder existentes, bem como a formação de pontos de vista e opiniões dentro dos limites de assentamentos urbanos. (GORTER, 2006, p.2, tradução nossa)²²

A paisagem linguística, portanto, pode fornecer informações sobre as línguas usadas num determinado território, bem como pode fornecer informações sobre a política

²⁰ No original: "[...] as one domain within language in the public space; it refers to specific language objects that mark the public sphere and is used here as one case. Examples of LL are road signs, names of sites, streets, names of buildings, place and institutions, advertising billboards, commercials and personal visiting cards as well as labels, instructions and public forms, name of shops and public signs." (SHOHAMY, 2006, p.112)

²¹ No original: "[...] the language of public road signs, advertising billboards, street names, place names, commercial shop signs, and public signs on government buildings combines to form the LL of a given territory, region, or urban agglomeration" (LANDRY & BOURHIS, 1997, p. 25)

²² No original: "[...] the primary concern of LL is to capture the role that a language mix plays in revealing existing power relations, as well as forming views and opinions within the confines of urban settlements." (GORTER, 2006, p.2)

linguística local, atentando para as relações de poder. Além disso, elas apontam para o papel simbólico das línguas na dinâmica econômica, política e cultural de uma comunidade.

Estudos mostram que a paisagem linguística auxilia no desenvolvimento da alfabetização, sendo uma "fonte adicional de entrada em aquisição de segunda língua" (CENOZ; GORTER, 2008 *apud* BEVER, *in* MONTERSERRAT SANZ; JOSÉ MANUEL IGOA, p. 323, 2012.). Isso porque a visibilidade desses enunciados na paisagem urbana faz parte do cotidiano das pessoas. Segundo Fishman (1991 *apud* BEVER, *in* MONTERSERRAT SANZ; JOSÉ MANUEL IGOA, p. 335, 2012.) “a maior parte da expansão do Inglês e outra língua franca pode ser diretamente atribuída para fora dos muros das escolas. ”.

As placas são lugares de promoção linguística e essa demarcação, seja ela espontânea ou uma prática planejada, "nos fornece um instrumento de leitura semiológica da sociedade: entre as línguas em contato há aquelas que são expostas e outras que dificilmente se fazem notar; e isso está vinculado a seu peso sociolinguístico e a seu futuro." (CALVET, 2007, p. 73). E, portanto, uma determinada escolha linguística revela uma escolha política.

A partir da coleta de dados feita na rua Lauro Linhares, ou seja, a partir da análise da paisagem linguística dessa região de Florianópolis, pode-se perceber como se dá de fato a política linguística da região, bem como o modo como a língua constrói o espaço urbano.

Além de expor o caráter identitário e ideológico, as placas são também elementos multimodais. Isto é, segundo Kress & van Leeuwen (1996), o texto multimodal é aquele cujo significado se realiza por mais de um código semiótico, ou seja, pela multiplicidade de modos de comunicação presentes simultaneamente na produção discursiva. Por sua vez, cada código semiótico contribui para a construção de significados, sendo que cada modalidade tem potenciais de representação e de comunicação. Assim, os significados construídos a partir do uso da linguagem (no caso da paisagem linguística, a escrita) estão inter-relacionados com os significados construídos a partir da utilização de outros códigos semióticos, sendo dependentes para a construção dos próprios significados. Isto é, as placas têm potenciais de representação que vão além das palavras escritas, mas que, adicionadas aos outros códigos semióticos (imagens, formato das letras, cores, hibridismos linguísticos e etc.) aumentam e intensificam a construção de determinados significados. As placas híbridas, por exemplo, são aquelas com misturas de códigos linguísticos (comum em áreas de fronteiras) e que fornecem elementos a mais na significação, alimentando a comunicação.

A hibridização não implica, apenas, uma junção de elementos linguísticos, mas a sobreposição de vozes sociais. Segundo Bakhtin, a construção híbrida é aquela em que o enunciado,

(...) segundo índices gramaticais (sintáticos) e composicionais, pertence a um único falante, mas onde, na realidade, então confundidos dois enunciados, dois modos de falar, dois estilos, duas “linguagens”, duas perspectivas semânticas e axiológicas. Repetimos que entre esses enunciados, estilos, linguagens, perspectivas, não há nenhuma fronteira formal, composicional e sintática [...] (BAKHTIN, 1993, p.110).

De acordo com a os estudos acerca da paisagem linguística, as placas além de serem caracterizadas pela sua multimodalidade também são divididas em dois grupos: *top-down* e *bottom-up*. Segundo Shohamy (2006), as placas *top-down* representam itens distribuídos pelo Estado, ao passo que *bottom-up* refere-se a itens emitidos por atores sociais autônomos, nomes de lojas, anúncios particulares e etc.

Para esse estudo da paisagem linguística de Florianópolis, foi feito um levantamento imagético das placas que continham estrangeirismos, caracterizadas como *bottom-up*, considerando a paisagem linguística da região como uma política linguística implícita, evidenciando que as escolhas linguísticas são atravessadas por relações de poder e que a língua é uma ferramenta de manipulação, imposição e também de colonização.

3. ANÁLISE DO CORPUS IMAGÉTICO

Este capítulo mostra os resultados da pesquisa em termos quantitativos e qualitativos sobre os dados da paisagem linguística em investigação, bem como busca responder às seguintes questões: 1) Quais são as línguas distribuídas no espaço público e urbano em 2km de extensão da Rua Lauro Linhares, no bairro Trindade, em Florianópolis?; e 2) Quais são as características linguístico-discursivas destas placas? Ainda busca-se responder algumas questões acerca do uso da LI, bem como problematizar o impacto e os valores agregados aos estrangeirismos.

O método utilizado para responder a estas questões foi o de coleta de dados imagéticos, bem como uma entrevista informal com alguns dos donos dos estabelecimentos comerciais e a análise de textos teóricos que dialogam com essa temática. Os dados selecionados para a análise foram as placas comerciais que contêm estrangeirismos em 2km da Rua Lauro Linhares, do bairro Trindade, em Florianópolis, SC. Esta rua foi escolhida, pois, após uma breve observação inicial sobre as placas que continham estrangeirismos na cidade de Florianópolis, pode-se constatar que, na rua em questão havia um número representativo de placas para a análise.

A Rua Lauro Linhares é uma das ruas responsáveis pelo acesso à Universidade Federal de Santa Catarina, onde diariamente centenas de pessoas circulam, dentre elas, os estudantes que frequentam a universidade. Por se tratar de uma das ruas que dá acesso à Universidade, o uso de estrangeirismos, e, principalmente, os de língua inglesa, pode estar ligado ao cientificismo, à tecnologia, ao prestígio e o nível de escolaridade, que norteiam o ambiente universitário, ou se agregar ao sentido de “universidade”.

O trecho analisado possui a extensão de dois quilômetros em que foram encontradas um total de quarenta e duas placas que continham estrangeirismos, dentre estas, trinta e seis são em LI. Por não se tratar apenas de uma rua comercial, o número de placas encontradas foi considerado representativo para a análise.

3.1. A ANÁLISE DAS PLACAS

3.1.1. Quanto às línguas distribuídas no espaço público e urbano

De acordo com os dados coletados, a língua inglesa é a mais usada no espaço público e urbano da Rua Lauro Linhares. A tabela 1 mostra a distribuição das línguas e o número de placas encontradas.

Tabela 1. Tabela de línguas na paisagem pública e urbana.

LÍNGUA	NÚMERO DE PLACAS
INGLÊS	36
FRANCÊS	3
ALEMÃO	1
PLURILINGUE	1
OUTRAS	1
TOTAL	42

É importante destacar que, muito embora o Brasil faça fronteiras com alguns países de língua espanhola e tenha forte políticas econômicas favorecidas pelo MERCOSUL, não foi encontrada nenhuma placa em espanhol na rua Lauro Linhares. Entretanto, não é o que acontece com outros bairros da capital em que o turismo, principalmente de argentinos, é muito forte nas temporadas de verão, e, portanto, o uso do espanhol na paisagem linguística é recorrente. Como salienta, Graddol (2006), o turismo vem crescendo, mas a proporção de encontros com falantes nativos de inglês vem decrescendo, o que acarreta no uso não só do “global English”²³, como também de outras línguas. O que se observa, por conseguinte, é que por outros bairros serem destinos turísticos, o uso de outras línguas é imprescindível, o que não é o caso da Rua Lauro Linhares.

Justamente por ser uma das ruas que dá acesso à Universidade Federal de Santa Catarina, o uso da LI foi substancial, uma vez que o uso da LI é fortemente ligado à ciência e tecnologia (Graddol, 1997).

A figura 4 mostra alguns exemplos do corpus imagético registrado, contendo exemplos de todas as línguas encontradas na Rua Lauro Linhares.

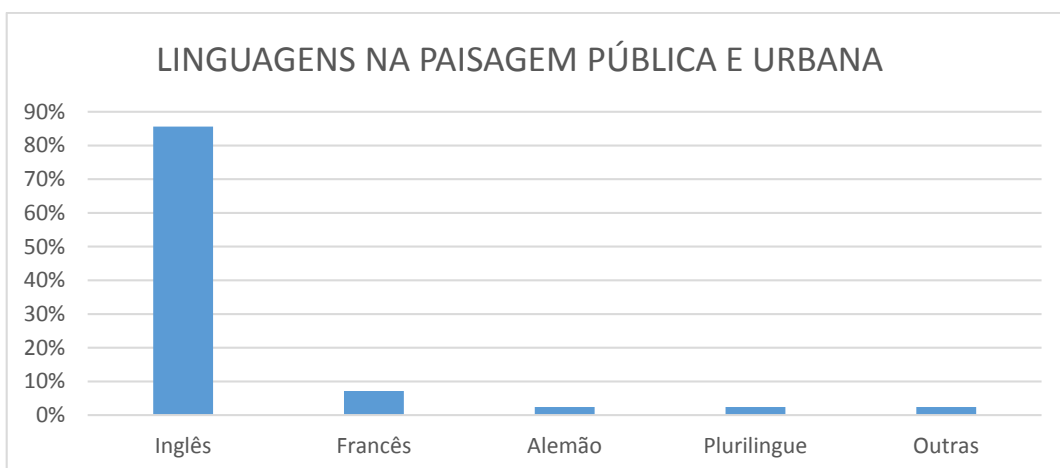
²³ Segundo o autor, o inglês em todo o mundo não é mais o mesmo. "Há um novo modelo. Inglês não está sendo aprendido com uma língua estrangeira, em reconhecimento do poder hegemônico dos ingleses nativos." (GRADDOL, 2004, p. 22).

Figura 4 Linguagem na paisagem pública e urbana.



Em números percentuais, pode-se verificar que as placas em língua inglesa ocupam 86% do espaço público e urbano da região analisada. De acordo com o gráfico 1 abaixo, pode-se verificar em número percentuais a distribuição das línguas no espaço público e urbano da rua Lauro Linhares.

Gráfico 1. Porcentagem de línguas usadas na paisagem pública e urbana da Rua Lauro Linhares



3.1.2. Quanto à distinção entre usos sintáticos e usos lexicais

De acordo com os resultados encontrados, as placas com estrangeirismos foram sistematizadas em dois grupos: os que fazem uso lexical e os que fazem uso sintático. Os usos classificados como sintáticos, assim como o exemplo “long life natural” da placa abaixo, são aqueles em nível sintático, normalmente compostos por verbo. Já os lexicais, como o exemplo “multINK” são aqueles apresentados no nível lexical, ou seja, normalmente por substantivos.

Conforme o gráfico 2 abaixo, pode-se verificar a ocorrência de 57% de usos lexicais (24 placas) contra 43% de usos sintáticos (18 placas). A figura 5 mostra alguns exemplos dos usos lexicais e os usos sintáticos.

Figura 5 Linguagem na paisagem pública e urbana.

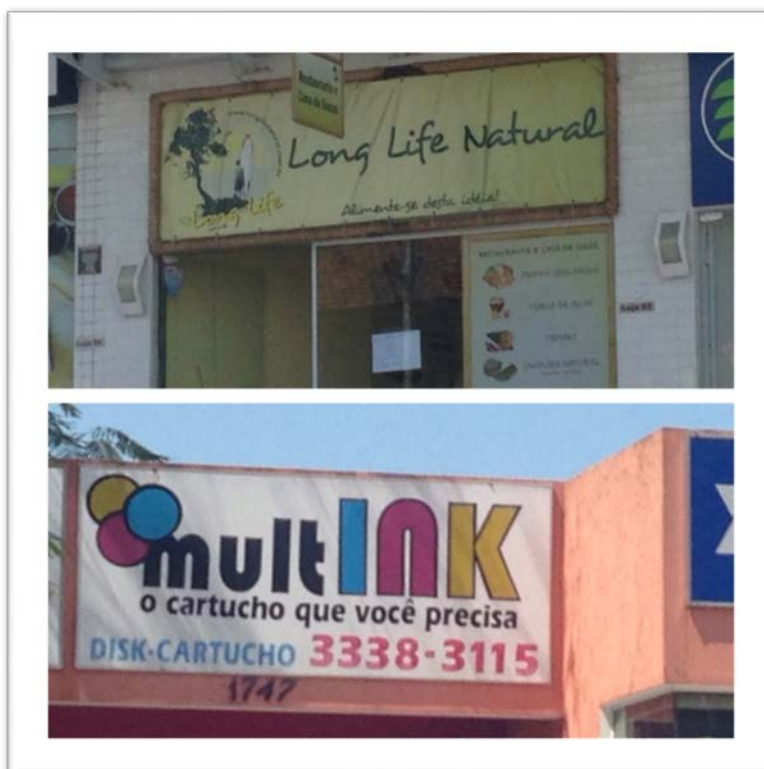
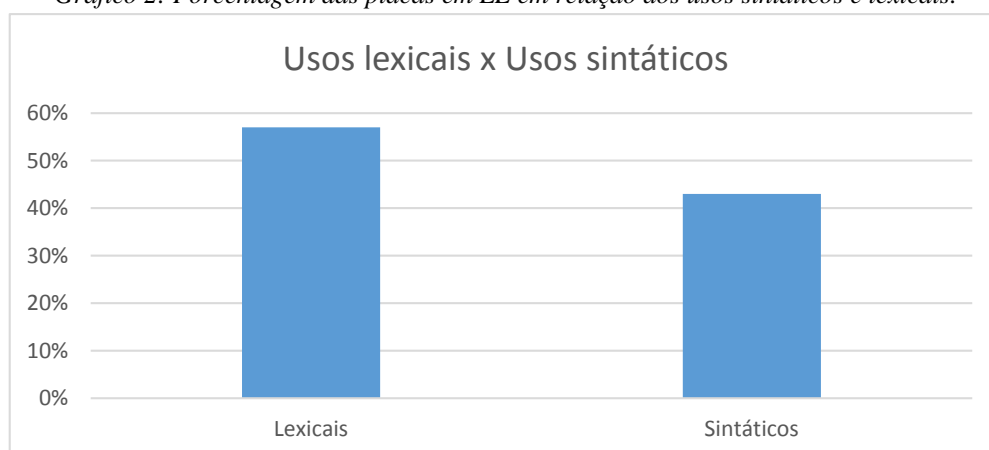


Gráfico 2: Porcentagem das placas em LE em relação aos usos sintáticos e lexicais.



3.1.3. Quanto aos estabelecimentos

De acordo com a tabela 2, podem-se visualizar em quais estabelecimentos as placas que continham estrangeirismos foram encontradas.

Tabela 2. Tabela dos estabelecimentos

LUGARES	
Restaurantes/Comidas	20
Lojas de roupas	5
Academias	3
Mídias/Informática	6
Outros	8

É importante destacar que todas as placas referentes às mídias e informática se encontram em língua inglesa. Isto é, como já citado nesse texto, a língua inglesa está vinculada a áreas da tecnologia e, por conseguinte, todas as placas que remetem ao ramo tecnológico encontram-se em língua inglesa. Esse uso ratifica o significado simbólico conferido à língua

inglesa em relação ao universo semântico tecnológico, reforçando a ideologia do inglês como a língua da tecnologia.

3.1.4. Quanto à classificação das placas

As placas encontradas foram classificadas em três grupos: *Monolíngue*: placas que continham apenas uma língua; *Bilíngue*: placas que se apresentam em dois idiomas; *Híbridas*: placas que esclarecem uma língua com o auxílio de outra.

Dos resultados encontrados, 69% das placas são híbridas, 29% são monolíngues e apenas 2% das placas são bilíngues.

De acordo com o gráfico 3 abaixo, pode-se verificar em números percentuais em relação às classificações das línguas no espaço público e urbano da rua Lauro Linhares. A figura 6 mostra alguns exemplos do corpus coletado. A placa “midnight snoker bar” foi classificada como monolíngue; a placa “multINK” como híbrida; a placa “Le cosmétique: cosméticos e acessórios” como bilíngue.

Gráfico 3. Classificação das placas na paisagem pública e urbana.

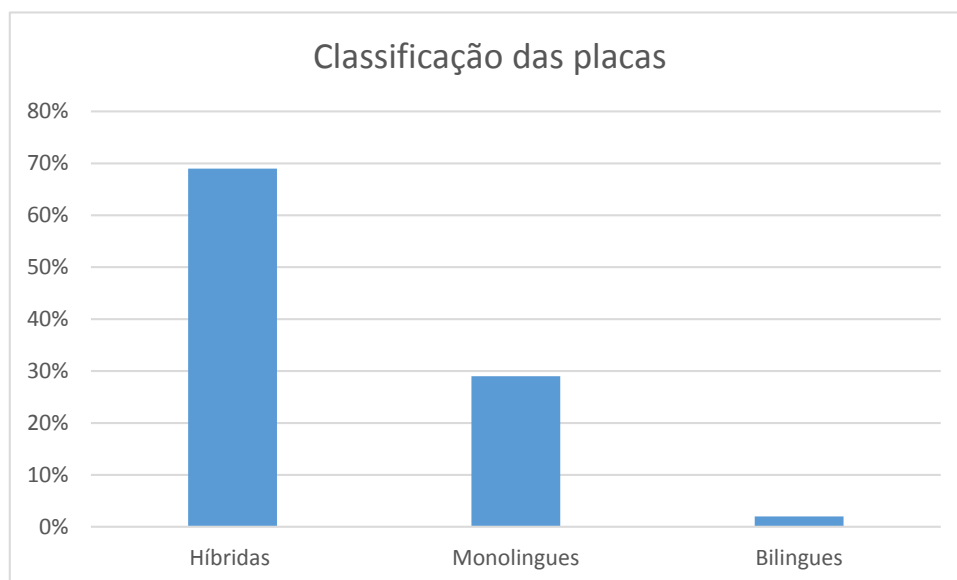


Figura 6 Linguagem na paisagem pública e urbana.



3.1.5. Quanto à linguagem nos híbridos

A linguagem dos híbridos é uma mistura de uma LE específica com informações complementares em outra língua (no caso brasileiro, em língua portuguesa). Foi encontrado apenas um caso de uma placa híbrida (figura 7), em que são encontradas três línguas, o inglês, o espanhol e o português. O restante são placas em inglês/português (majoritariamente) e francês/português.

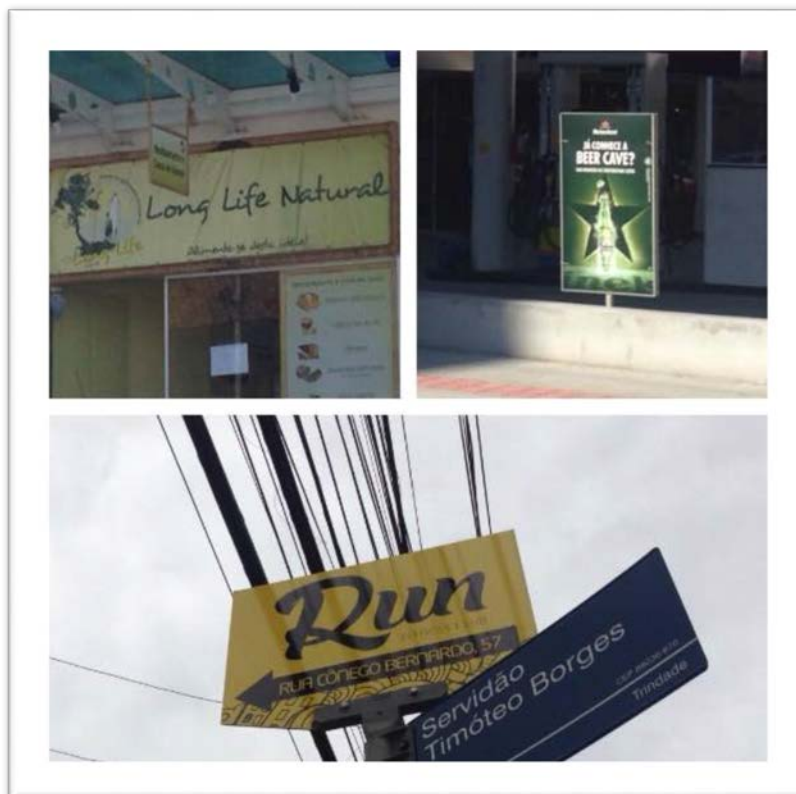
Figura 7 Placa Plurilíngue



3.1.5.1.Quanto à distinção de tamanhos e fontes nos híbridos

De acordo com os dados coletados, há distinção quanto ao tamanho e o estilo de fonte usados nas placas híbridas. Isso mostra uma diferenciação nas diferentes linguagens usadas, agregando diferentes valores às diferentes imagens. Nota-se que, em 100% das placas híbridas, as LEs possuem tamanhos maiores e fontes distintas, realçando as palavras estrangeiras. Abaixo, a figura 8 demonstra esse fenômeno.

Figura 8 Tamanho e Fontes dos híbridos



3.1.6. Quanto à classificação das placas em língua inglesa

Pelo fato das placas em língua inglesa ocuparem 86% da paisagem linguística da rua Lauro Linhares, mostra-se relevante analisar as classificações das placas. Conforme mostra o gráfico 4, 31% das placas são monolíngues e 69% são híbridas. Não foram encontradas placas bilíngues em língua inglesa. A figura 9 mostra alguns exemplos do corpus coletado. A placa “midnight snoker bar” é classificada como monolíngue. Já a placa Uptime: comunicação em inglês é classificada como bilíngue.

Gráfico 4. Classificação das placas em LI na paisagem pública e urbana.

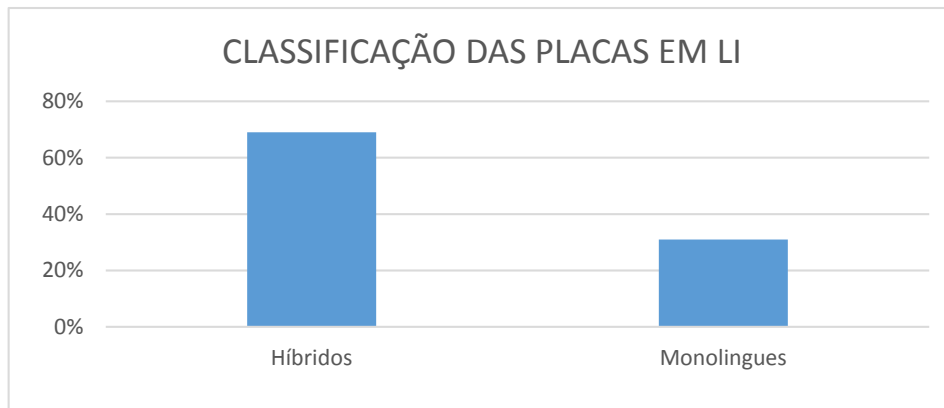
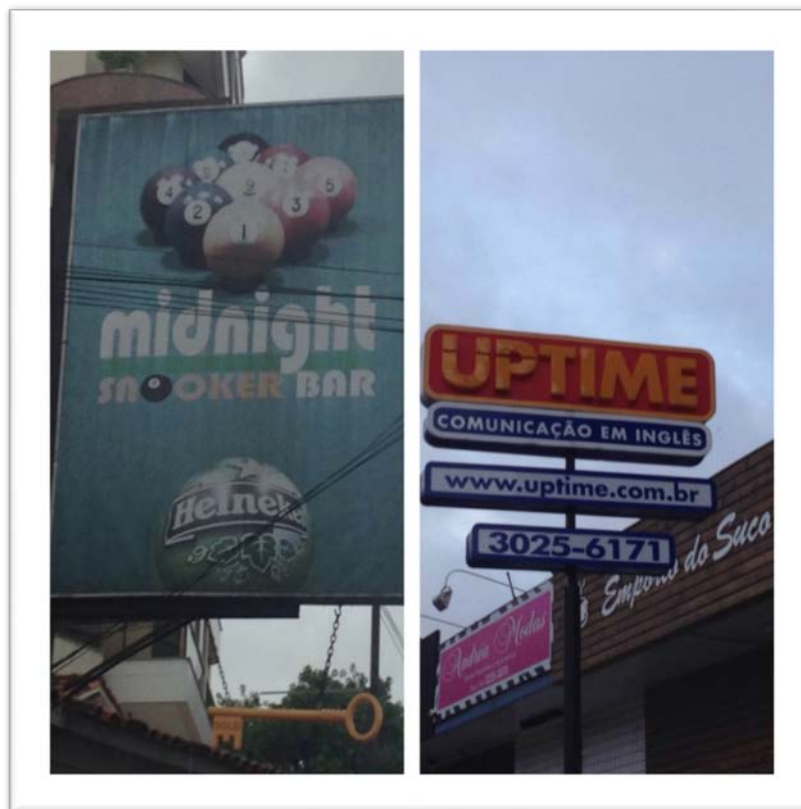


Figura 9 Linguagem na paisagem pública e urbana.



3.1.6.1. Quanto aos usos lexicais e sintáticos em LI

De acordo com os resultados encontrados, as placas em LI foram sistematizadas em dois grupos: os que fazem uso lexical e os que fazem uso sintático. Conforme o gráfico 5 abaixo,

pode-se verificar a ocorrência de 57% de usos lexicais (24 placas) contra 42% de usos sintáticos (18 placas). A figura 10 mostra alguns exemplos dos usos lexicais e os usos sintáticos.

Gráfico 5: Porcentagem das placas em LE referente aos usos sintáticos e lexicais.

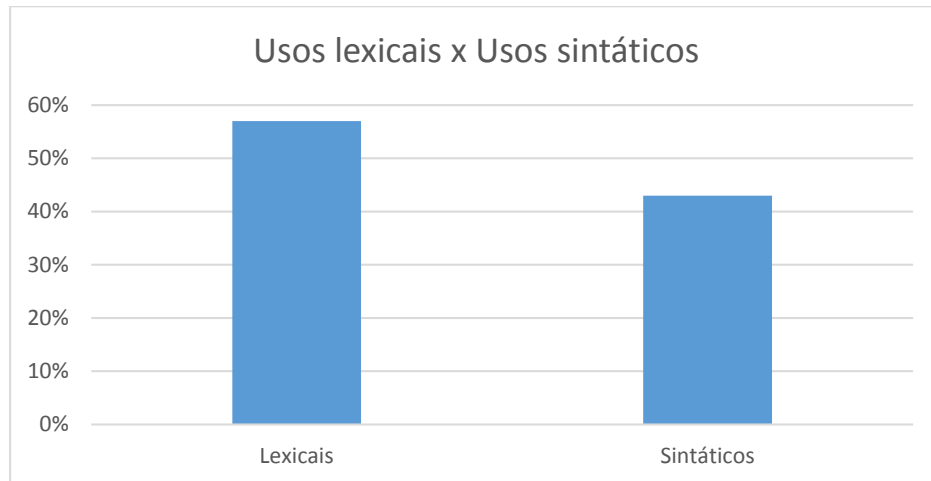


Figura 10 Linguagem na paisagem pública e urbana.



3.2. AS ENTREVISTAS

Para este trabalho foi realizada uma entrevista informal com alguns informantes (donos/gerentes) dos estabelecimentos comerciais a fim de sustentar algumas questões levantadas nesta pesquisa acerca do uso da LI nas placas comerciais. Com isso, buscou-se averiguar a maneira como os proprietários e gerentes avaliam e justificam os usos da LI em suas placas. A entrevista informal foi realizada com três donos dos estabelecimentos, centralizando em apenas uma questão: *O que motivou a escolha do nome do estabelecimento?*

Essa questão se tornou pertinente para pensar se o uso da LI realmente está associado ao processo de globalização, ao prestígio da LI, à distinção social e/ou aos valores identitários.

No decorrer das entrevistas, percebeu-se que os entrevistados demonstravam não saber o que os motivou à escolha dos nomes dos estabelecimentos, sendo que suas respostas tendiam a reforçar o mesmo motivo: “porque eu quis”/ “porque tinha que ter um nome”. Por justamente “não saberem” ou “não entenderem” o porquê dos nomes dos próprios estabelecimentos, o número de entrevistados ficou reduzido, visto que todas as respostas eram redundantes e, portanto, pela falta de conhecimento do motivo, apenas três informantes foram utilizados para a elaboração desses resultados.

Muito embora as três entrevistas tenham sido selecionadas para compor os resultados dessa seção, elas refletem o mesmo significado e, por isso, esses dados se tornaram relevantes. De acordo com os três informantes, os nomes de suas lojas se deram por motivos pessoais, por gostarem dos nomes e por se identificarem com o idioma.

Um dos fatos interessantes a ser mencionado é que um dos entrevistados mencionou ser “partidário a essa importação americana” (significando ser contra a essa importação americana), a despeito do nome do seu estabelecimento em inglês.

Segundo um dos entrevistados, o nome de sua loja teve influência por estar estudando inglês no mesmo período e, por seu estabelecimento estar ligado a área da tecnologia, o informante relatou que achou que havia uma conexão entre o idioma e o ramo tecnológico. Este mesmo informante revela que está pensando em modificar o nome da loja, pois, muito embora o público alvo seja formado por pessoas ligadas às áreas de tecnologia (ficando subentendido que tenham algum conhecimento da língua inglesa), nem todos conseguem entender e/ou pronunciar o nome do estabelecimento.

O que se observa, por sua vez, é que os entrevistados parecem não compreender as implicações do uso dos estrangeirismos e que as escolhas linguísticas são, sim, uma escolha

política com implicações em todo o meio social. Muito embora a língua seja um instrumento de poder, ela parece passar despercebida pelos falantes. O fato de não saberem o motivo que teria levado à escolha da LI também revela o papel da ideologia na naturalização de conceitos sobre o papel político das línguas. O fato de não problematizarem esse uso revela a camisa de força de certas ideologias linguísticas.

3.3. CONSIDERAÇÕES ACERCA DOS RESULTADOS OBTIDOS

De acordo com os resultados obtidos acima, pode-se observar que a língua inglesa opera como a principal língua no espaço público e urbano da Rua Lauro Linhares, no que diz respeito ao uso de estrangeirismos. Mesmo embora o Brasil faça fronteiras com países de língua espanhola, e exista incentivo por parte do governo para a promoção da língua espanhola nas escolas brasileiras (como também da LI), no trecho tomado para a análise foi encontrada somente uma menção à língua espanhola em uma placa plurilíngue. Isso, por sua vez, demonstra o caráter hegemônico e a predominância da língua inglesa neste ambiente, mesmo sendo Florianópolis um destino turístico de muitos hispano falantes.

Assim como demonstram os teóricos, a língua inglesa é vinculada a áreas de tecnologia e cultura, e pela análise dos dados coletados, isto pode ser comprovado, visto que todas as placas referentes ao ramo de informática e tecnologia, assim como lojas de roupas, academias e bens de consumo estavam primordialmente escritas em LI. As outras línguas (como o alemão e o francês) foram encontradas em restaurantes, sendo que a língua francesa foi encontrada em uma placa de salão de beleza. Entretanto, é importante destacar que a palavra em francês detectada, “*coiffeur*”, é encontrada em dicionários de língua inglesa, ou seja, é um estrangeirismo de língua francesa já dicionarizado em língua inglesa.

Observa-se, também, uma preferência pelos usos sintáticos aos lexicais. A diferença entre os usos sintáticos e lexicais é de apenas 15%. Isso, por sua vez, mostra que, muito embora a maioria das placas faça uso sintático, o número de placas lexicais ainda é considerado elevado para um país que possui “baixa fluência” em inglês. Por conseguinte, esses resultados nos levam a refletir sobre os resultados obtidos nos exames de proficiência. Isto é, em que medida estes testes são realmente eficazes e mostram o real entendimento e aquisição do idioma? Ou em que medida estas placas estão sendo eficazes e comunicando?

Ainda de acordo com as entrevistas realizadas, pode-se perceber uma valorização do idioma sem o real entendimento do acarretamento social, político e econômico do uso de

estrangeirismos. Sobretudo, é importante destacar o papel da publicidade, importante veículo que utiliza da linguagem para seduzir e comprar o consumidor, sendo que o uso dessa(s) linguagem(s) é baseada na lógica capitalista. Ou seja, o uso do inglês está simbolicamente associado ao neocapitalismo e à consequente ideologia consumista.

A escolha linguística é, também, uma fonte de informação a respeito dos falantes, uma vez que salienta o posicionamento dos falantes acerca da própria linguagem utilizada.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Todo o movimento de leitura feito até aqui buscou evidenciar como a língua constrói o espaço público e urbano, salientando a paisagem linguística como um importante fator sociolinguístico que contribui com a manutenção, visibilidade e competição etnolinguística.

Como uma forma de política linguística implícita, as placas são instâncias de promoção linguística e essas demarcações, sejam elas espontâneas ou práticas planejadas, são atravessadas por relações de poder em que a língua é uma ferramenta de manipulação, imposição e também de colonização.

A partir da investigação do material coletado, pode-se perceber que 86% das placas encontradas na Rua Lauro Linhares são em língua inglesa, derivado do inglês americano, carregadas dos seus valores simbólicos, já que a presença de produtos culturais americanos é forte no cenário comercial brasileiro. E que, portanto, o uso do inglês está simbolicamente associado à ideologia consumista.

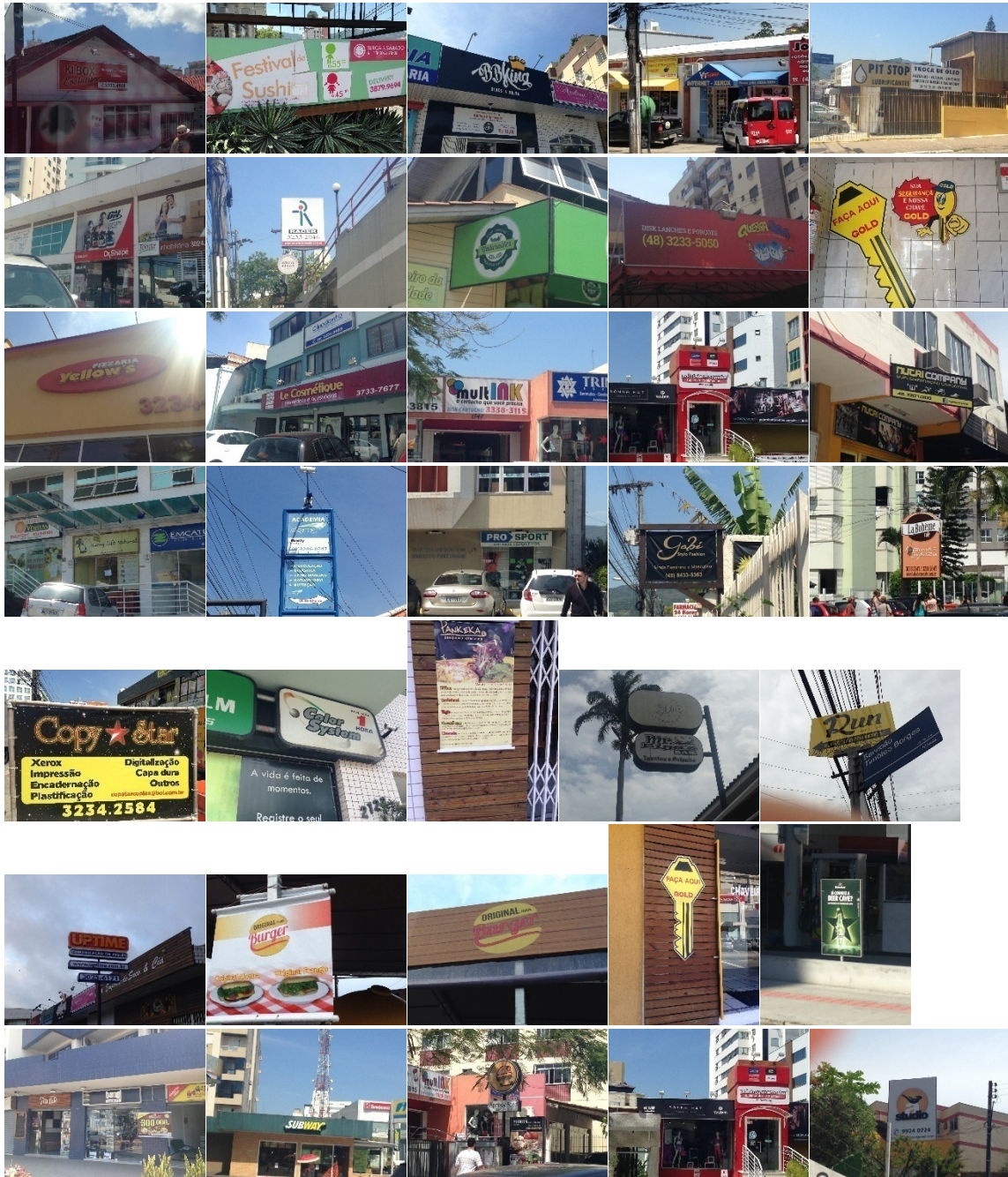
Destaca-se, sobretudo que, o uso dos empréstimos, principalmente os de LI, demarca tanto um processo de exclusão social, como de filiação simbólica a uma dada ideologia. Deduz-se, então, que o uso do inglês não implica necessariamente a adoção de uma cultura americana, embora ambos possam estar simbolicamente vinculados.

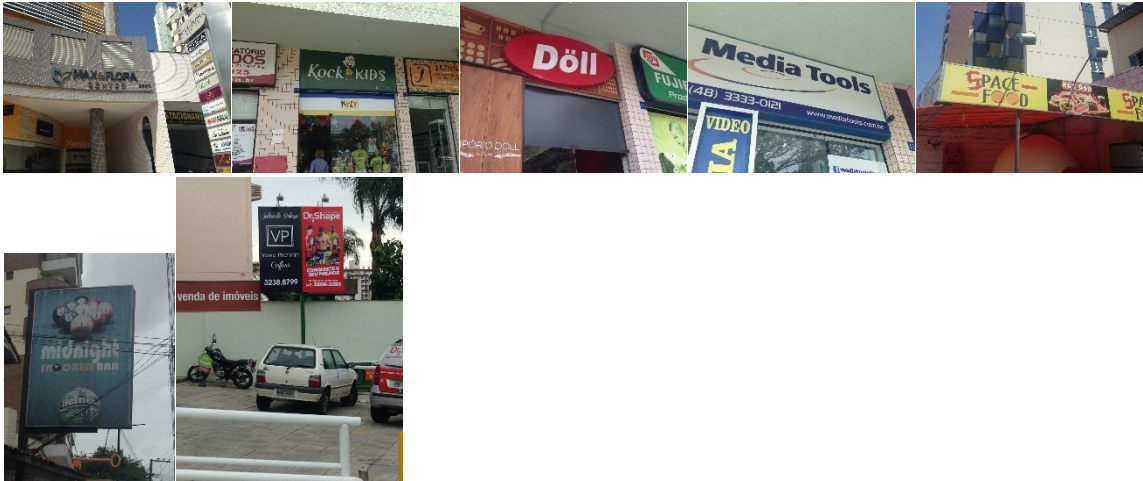
Logo, ressalta-se que nenhuma escolha linguística é neutra e isenta das relações de poder e é carregada de valores identitários. A linguagem, portanto, é um campo de disputas e dominação. Por conseguinte, a política linguística funciona como um mecanismo de manipulação e organização no meio social.

Este estudo limitou-se a analisar apenas uma rua da cidade de Florianópolis, mas mostrou o importante papel da paisagem linguística na compreensão da relação entre a política linguística e a prática linguística, como também a forte promoção e manutenção de identidades sociais.

Entretanto, enfatiza-se, que, estudos mais amplos, em contrastes com outras ruas e em outros bairros da capital – que sejam destinos turísticos, por exemplo – sejam feitos de forma a corroborar com mais informações acerca da paisagem linguística, bem como sobre o uso da língua inglesa na cidade de Florianópolis.

5. ANEXOS





6. REFERÊNCIAS

- BAKHTIN**, Mikhail, 1895-1975. *Questões de literatura e estética*; tradução de Aurora Fononi Bernardini...[et al]. 7.ed. São Paulo: Hucitec;2014.
- BRASIL**. *Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quartociclos do ensino fundamental: língua estrangeira /Secretaria de Educação Fundamental*. – Brasília:MEC/SEF, 1998. 120 p.
- CALVET**, Louis-Jean, 1942 – *As políticas linguísticas/ Louis-Jean Calvet*; prefácio Gilvan Müller de Oliveira; tradução Isabel de Oliveira Duarte, JonasTenfen, Marcos Bagno. – São Paulo: Parábola Editorial: IPOL, 2007.
- FABRÍCIO**, Branca... [et al.]; organizador Luiz Paulo da Moita Lopes. *Por uma linguística aplicada INdisciplinar*. São Paulo: Parábola editorial, 2006. – (Lingua[gem]; 19).
- FARACO**, Carlos Alberto; com artigos de Pedro M. Gracez... [et all]. *Estrangeirismos: guerra em torno da língua* – São Paulo: Parábola Editorial, 2001.
- GORTER**, D. (2006). Bangkok's linguistic landscape: Environmental print, codemixing and language change. *International Journal of Multilingualism*, 3(1), 31-51.
- GRADDOL**, D. *The Future of English?* London: British Council, 1997.
- _____. *English Next*. London: British Council, 2006.
- KRESS**, G. R. e van **LEEUWEN**, T. *Reading Images: a Grammar of Visual Design*. Londres: Routledge, 1996.
- LACOSTE**, Yves, 1925 – *A geopolítica do inglês/ Yves Lacoste, Kanavillil Rajagopalan*. – São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
- LANDRY**, R and **BOURHIS**, R.Y. (1997) Linguistic landscape and ethnolinguistic vitality: An empirical study. *Journal of Language and Social Psychology*. 16 (1), 23-4
- MONTERSERRAT SANZ; JOSÉ MANUEL IGOA**. *Applying languages science to language pedagogy: Contributions of linguistics and psycholinguistics to second language teaching*. Cambridge scholars published, 2012.
- SEVERO**, Cristine Gorski. *Política(s) linguística(s) e questões de poder*. Alfa, São Paulo, 2013.
- SHOHAMY**, Elana. *Language Policy: Hidden Agendas e New Approaches*. London & New York: Routledge, 2006.